



TECENDO REDES DE EQUIDADE: GUIA DE OFICINAS PARA O EMPODERAMENTO DE MULHERES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

WEAVING NETWORKS OF EQUITY: WORKSHOP GUIDE FOR THE EMPOWERMENT OF WOMEN IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

Bárbara Cristina Dias de Mello – Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: barbarainclusaosme@gmail.com

Liliane Madruga Prestes – Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: liliane.prestes@poa.ifrs.edu.br

RESUMO

O artigo apresenta um recorte de uma pesquisa realizada com mulheres egressas de cursos de formação inicial e continuada (FIC) ofertados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Viamão, que integram o Coletivo de Mulheres Mãos que Criam. O estudo teve como objetivo investigar os desafios e as potencialidades para a implementação de práticas educativas que promovam a equidade de gênero em espaços não formais de educação profissional e tecnológica (EPT). A pesquisa utilizou referenciais teóricos de autoras que abordam a temática mulheres, educação e mundo do trabalho, entre as quais: Sueli Carneiro (2011), bell hooks (2015), Lélia Gonzalez (2020), entre outras. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, questionários e oficinas temáticas, com análise conduzida pela técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados destacam a relevância dos espaços coletivos para o empoderamento feminino e a construção de redes de apoio em contextos de vulnerabilidade. As informações foram sistematizadas mediando a criação de um Produto Educacional, no formato de um Guia de Oficinas, o qual se destina a inspirar outras iniciativas voltadas à promoção da equidade de gênero em diferentes contextos da EPT. Desse modo, o estudo visa contribuir para a ampliação de debates, bem como potencializar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a equidade de gênero no contexto da educação e no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Educação Profissional; Equidade de Gênero; Espaços Não Formais.

ABSTRACT

This article presents an excerpt from a study conducted with women who graduated from initial and continuing education courses (FIC) offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) – Viamão Campus, and who are members of the Collective of Women Mãos que Criam. The study aimed to investigate the challenges and potential for implementing educational practices that promote gender equity in non-formal spaces of professional and technological education (EPT). The research used theoretical frameworks from authors who address the theme of women, education and the world of work, including: Sueli Carneiro (2011), bell hooks (2015), Lélia Gonzalez (2020), among others. Data collection took place through interviews, questionnaires and thematic workshops, with analysis conducted using the content analysis technique. The results highlight the relevance of collective spaces for female empowerment and the construction of support networks in contexts of vulnerability. The information was systematized to mediate the creation of an Educational Product, in the format of a Workshop Guide, which is intended to inspire other initiatives aimed at promoting gender equality in different EPT contexts. In this way, the study aims to contribute to the expansion of debates, as well as to enhance the development of pedagogical practices that promote gender equality in the context of education and in the world of work.

Keywords: Professional Education; Gender Equity; Non-formal Spaces..



Trilhas está licenciada sob a licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado em rede pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre. O estudo, inserido na linha de pesquisa de Práticas Edu-



cativas em Educação Profissional e Tecnológica, aborda as interseções entre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), as questões de gênero, as relações étnico-raciais e a inclusão de Pessoas com Deficiências (PCDs), considerando os desafios contemporâneos da educação inclusiva e da formação integral (IFRS, 2017).

A pesquisa teve como objetivo investigar as potencialidades e os desafios na implementação de práticas educativas que promovam a equidade de gênero em espaços não formais de EPT. Alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), dialoga com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas, e o ODS 4, que busca assegurar uma educação inclusiva e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida (ONU, 2015).

A partir dos aportes de Ramos (2017), compreendemos que a EPT deve transcender a capacitação técnica, abrangendo o desenvolvimento integral dos sujeitos. Ramos (2017) defende que a formação humana integral, no contexto da EPT, não se limita à qualificação para o trabalho, mas inclui a promoção da emancipação dos indivíduos, capacitando-os a atuar como sujeitos críticos e autônomos, conscientes de seu papel na transformação social. Nesse contexto, práticas educativas voltadas para a equidade de gênero são fundamentais para a superação das barreiras históricas e sociais, que limitam o desenvolvimento integral das mulheres em situação de vulnerabilidade.

Scott (1995) reforça essa perspectiva, ao destacar que as relações de gênero são construções sociais que perpetuam dinâmicas de poder desiguais, tornando necessário o desenvolvimento de intervenções pedagógicas que desestabilizem essas estruturas, especialmente em contextos de exclusão. Nesse sentido, práticas educativas em espaços não formais, focadas na equidade de gênero, têm o potencial de romper essas barreiras e promover o empoderamento das mulheres, tanto individual quanto coletivamente.

Um exemplo concreto dessa dinâmica é o Coletivo Mãos que Criam, composto por artesãs egressas do curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) Cuidador Infantil, ofertado pelo IFRS – Campus Viamão, entre 2014 e 2015. Inspirado pelo Programa Mulheres Mil, que visa reduzir desigualdades sociais e econômicas por meio da educação e da qualificação profissional, o Coletivo se consolidou como um espaço de educação não formal que promove a continuidade da formação profissional e, simultaneamente, oferece oportunidades de empoderamento econômico e social às mulheres envolvidas.

O Coletivo Mãos que Criam exemplifica a relevância de práticas educativas que promovam a equidade de gênero, conforme as diretrizes dos cursos de FIC da EPT. Essas diretrizes, alinhadas com os princípios da formação humana integral, visam formar indivíduos não apenas capacitados tecnicamente, mas, também, como sujeitos críticos e autônomos. Ao proporcionar às mulheres participantes um espaço para a construção de autonomia e consciência, o projeto reforça o papel transformador da EPT.

Os dados resultantes desta pesquisa foram sistematizados em um Produto Educacional intitulado “Guia de Oficinas para cursos de formação continuada na Educação Profissional e Tecnológica: empoderamento feminino a partir da escuta de mulheres artesãs”. O guia, que será apresentado ao longo



deste artigo, oferece um roteiro de oficinas e sugestões metodológicas que visam promover o empoderamento de mulheres trabalhadoras, com base na escuta ativa das participantes do Coletivo de Artesãs da região metropolitana de Porto Alegre. Destinado a educadores, educadoras e profissionais da EPT, especialmente aqueles que atuam em cursos de FIC, o guia se propõe a ser uma ferramenta pedagógica para fomentar práticas educativas que promovam a equidade de gênero e a formação integral, em sintonia com os princípios da EJA integrada à EPT, e com os objetivos da Agenda 2030.

METODOLOGIA

A presente investigação seguiu um percurso metodológico fundamentado em uma abordagem qualitativa, conforme descrito por Gerhardt e Silveira (2009). Classificada como pesquisa aplicada, teve como objetivo gerar conhecimentos práticos voltados à promoção da equidade de gênero em espaços não formais de EPT. De caráter exploratório, a investigação buscou aprofundar a compreensão das demandas e dos desafios enfrentados por mulheres trabalhadoras em suas experiências de educação e trabalho.

O delineamento metodológico foi estruturado em três eixos principais: pesquisa bibliográfica, documental e participante. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se baseia em materiais consolidados, como livros e artigos científicos. Assim, foram mapeadas teses e dissertações publicadas nos últimos cinco anos, disponíveis no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Nacional, coincidindo com o período de vigência do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de EPT do IFRS – Campus Porto Alegre (2017).

A pesquisa documental envolveu a análise de políticas públicas e documentos institucionais voltados à EPT, com ênfase nas iniciativas de promoção da equidade de gênero, como o Programa Mulheres Mil. Esse levantamento permitiu situar o estudo no contexto atual das políticas de inclusão na educação profissional.

Na sequência, a pesquisa de campo constou da escuta de mulheres artesãs integrantes do Coletivo Mãos que Criam, formado por egressas do curso de Cuidador Infantil, oferecido pelo IFRS – Campus Viamão, entre 2014 e 2015. Para tanto, foram realizadas entrevistas estruturadas e oficinas temáticas. As entrevistas buscaram explorar as vivências das mulheres em suas trajetórias de formação e trabalho, enquanto as oficinas temáticas foram realizadas com base nas demandas levantadas pelas próprias participantes, promovendo a criação de um espaço de diálogo, compartilhamento de conhecimentos e reflexão.

O estudo seguiu rigorosamente todos os procedimentos éticos seguiram as diretrizes estabelecidas pela Resolução CNS nº 466/12, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. Além disso, a proteção dos dados pessoais foi assegurada conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) – Lei nº 13.709/2018. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do IFRS, garantindo o cumprimento rigoroso das normas éticas e legais durante todo o processo investigativo.



A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que permitiu identificar categorias emergentes, a partir dos relatos das entrevistas e das oficinas. A análise envolveu a organização dos dados em eixos temáticos, como educação profissional, trabalho e equidade de gênero. Como produto final desta pesquisa, foi elaborado um Guia de Oficinas, destinado a cursos de FIC no contexto da EPT. Tal produto educacional foi elaborado a partir das demandas e reflexões das participantes, com o objetivo de inspirar outras iniciativas educacionais voltadas para a inclusão e o empoderamento feminino.

Em suma, a metodologia desta pesquisa foi cuidadosamente planejada para articular a revisão teórica com a escuta ativa das mulheres do Coletivo Mãos que Criam, promovendo uma investigação aplicada e exploratória, que gerou tanto conhecimentos teóricos quanto um Produto Educacional voltado para a prática. O respeito às diretrizes éticas e a participação ativa das mulheres na construção do conhecimento foram elementos fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, que visa contribuir para a promoção da equidade de gênero na EPT.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O estudo investigou os possíveis impactos da EPT na vida das mulheres, com enfoque naquelas que participaram do Programa Mulheres Mil. Lançado em 2007, o programa tem como objetivo principal promover o acesso à EPT para mulheres em situação de vulnerabilidade social, oferecendo-lhes a oportunidade de qualificação, geração de renda e, sobretudo, o empoderamento. Em 2011, o programa foi institucionalizado pelo Ministério da Educação (MEC), integrando a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Brasil, 2011). Sua meta é garantir que as mulheres de baixa renda, especialmente em áreas historicamente menos atendidas por políticas públicas, possam não apenas adquirir novas competências técnicas, mas, também, transformar suas vidas e comunidades, por meio da educação.

O Programa Mulheres Mil se alinha aos ODS da ONU, particularmente ao Objetivo 5, que visa à igualdade de gênero e ao empoderamento de todas as mulheres e meninas. Essa política pública busca garantir que as mulheres, principalmente negras e de comunidades de baixa renda, tenham seus direitos fundamentais assegurados, incluindo o acesso à educação de qualidade. O programa se fundamenta na premissa de que a educação é um direito humano básico e que o acesso a ela deve ser garantido de forma equitativa, superando as barreiras sociais e econômicas que perpetuam a exclusão e a marginalização das mulheres. Quanto ao impacto direto, citamos a promoção do desenvolvimento humano e social das mulheres, proporcionando-lhes uma formação integral que não se restringe à capacitação técnica, mas que também abarca dimensões, como o fortalecimento da autoestima, a consciência crítica e a autonomia.

Nesse sentido, o Programa visa contribuir para a superação das desigualdades de gênero e promover a inclusão social por meio da educação. Ao oferecer oportunidades de formação em áreas ligadas à economia local e fortalecer os vínculos entre as participantes, o programa contribui para que possam



atuar coletivamente e de maneira mais efetiva como agentes de transformação em suas comunidades. Como exemplo do exposto, destacamos que as egressas do Programa, que participaram do curso FIC, em 2014, mantêm-se vinculadas até hoje, formando o Coletivo Mãos que Criam, que surgiu a partir da conclusão do curso. Esse Coletivo é composto por mulheres que participaram do Programa Mulheres Mil no IFRS – Campus Viamão e que, desde então, têm se reunido para fortalecer suas redes de apoio mútuo e continuar desenvolvendo as habilidades adquiridas no curso. O surgimento do Coletivo de mulheres reflete a eficácia de políticas públicas, as quais extrapolam a mera capacitação profissional, contribuindo para o surgimento de espaços de resistência e empoderamento comunitário.

A criação do Coletivo Mãos que Criam é um exemplo concreto do impacto positivo que o Programa Mulheres Mil, em especial, a partir da oferta de cursos FIC. Nesse contexto é que surgiu o Coletivo, que, ao longo destes oito anos de existência, consolida-se como um espaço de acolhimento, compartilhamento de saberes e desenvolvimento de redes de apoio entre as mulheres participantes. As atividades realizadas no Coletivo incluem oficinas de artesanato, cultivo de hortas solidárias e encontros para a discussão de temas relacionados ao empoderamento feminino, à economia solidária e à superação das desigualdades de gênero e raça. Conforme o relato das mulheres que o integram, o Coletivo tem sido uma ferramenta de transformação social, permitindo que elas continuem a desenvolver suas habilidades em um ambiente colaborativo e de solidariedade. Muitas das participantes, que antes enfrentavam dificuldades para continuarem suas trajetórias escolares e/ou profissionais, relataram que no Coletivo encontraram apoio e subsídios para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas no cotidiano. Relatam, ainda, que passaram a se ver como agentes de mudança, capazes de gerar renda e melhorar suas condições de vida, por meio das atividades desenvolvidas no Coletivo. Essa trajetória reflete a importância de políticas públicas que garantam não apenas o acesso à educação, mas, também, o acompanhamento e a criação de espaços onde as mulheres possam continuar a se fortalecer e a crescer juntas.

A escuta das mulheres nos permite constatar a relevância do Coletivo para a promoção da equidade de gênero e, nesse aspecto, destacam o quanto, ao longo dos últimos anos, o Coletivo Mãos que Criam se consolidou como um espaço fundamental para a promoção da autonomia e do protagonismo feminino. As mulheres que compõem o Coletivo demonstram como a EPT, quando integrada com princípios de justiça social, pode transformar vidas e comunidades. Elas se engajam em atividades produtivas que garantem renda, mas, também, em práticas de acolhimento e fortalecimento emocional, como participação nos Círculos da Cultura, os quais abordam temáticas de interesse do grupo: estratégias de enfrentamento das violências de gênero, empoderamento de mulheres, autocuidado e autoestima, geração de renda, além de outros demandados pelas participantes. Esse aspecto reflete o que hooks (2015) define como a importância dos espaços de aprendizagem coletiva e solidária para a construção de uma luta feminista efetiva. No Coletivo Mãos que Criam, as participantes não apenas desenvolvem competências técnicas, mas, também, têm a oportunidade de refletir criticamente sobre as condições de opressão que enfrentam em suas vidas cotidianas. O Coletivo funciona como um espaço de resistência, onde as mulheres podem compartilhar suas experiências, construir redes



de apoio e desenvolver estratégias de enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero.

A experiência do Coletivo Mãos que Criam também destaca a necessidade de uma abordagem interseccional na EPT. Muitas das participantes do Coletivo são mulheres negras e de baixa renda, que enfrentam opressões sobrepostas de gênero, raça e classe. Carneiro (2011) argumenta que a marginalização das mulheres negras no Brasil é resultado de um racismo estrutural que as exclui sistematicamente de oportunidades educacionais e profissionais. Segundo Carneiro (2011), a educação tem um papel crucial na emancipação dessas mulheres, pois permite que elas se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias e potencializem sua capacidade de resistir às estruturas de opressão.

Nesse contexto, o Coletivo é um espaço onde essas mulheres podem se fortalecer mutuamente e desenvolver suas habilidades de forma colaborativa. As atividades produtivas, como o artesanato e a horticultura, não apenas garantem uma fonte de renda, mas, também, criam um espaço de autonomia, onde as participantes podem refletir criticamente sobre suas experiências e construir novas perspectivas de futuro. O Coletivo, assim, não é apenas um espaço de formação técnica, mas, também, um espaço de acolhimento e empoderamento, desenvolvendo a consciência crítica e a capacidade de transformação social.

Outro ponto relevante, apontado no estudo, foi o impacto da pandemia de Covid-19 sobre as mulheres do Coletivo. O isolamento social, o aumento da violência doméstica e a perda de oportunidades agravaram a situação de vulnerabilidade dessas mulheres. No entanto, o Coletivo Mãos que Criam funcionou como um ponto de apoio crucial durante esse período, oferecendo tanto suporte emocional, quanto material. As atividades produtivas desenvolvidas pelo Coletivo, como o artesanato e as hortas comunitárias, garantiram uma fonte de renda em meio à crise, mostrando como a EPT, quando integrada com iniciativas de apoio comunitário, pode ser uma ferramenta poderosa de resiliência e transformação social.

Esses dados reforçam a importância de políticas públicas de EPT que levem em consideração as necessidades das mulheres em situação de vulnerabilidade, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas formas de opressão. O Programa Mulheres Mil e o curso FIC são exemplos de políticas que buscam promover a autonomia e o empoderamento das mulheres, especialmente das mulheres negras e de baixa renda, por meio da educação. Ao garantir o acesso à formação, essas políticas cumprem o papel de promover o direito fundamental à educação e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Em suma, o Coletivo Mãos que Criam exemplifica como a educação profissional pode ser um instrumento de resistência e emancipação, promovendo tanto o desenvolvimento de habilidades técnicas, quanto a construção de redes de solidariedade entre as mulheres.

Com base na análise dos dados resultantes das entrevistas com as mulheres integrantes do Coletivo, na sequência da pesquisa, foram realizadas quatro oficinas temáticas, as quais foram intituladas “Práticas Educativas para a Promoção da Equidade de Gênero em Espaços Não Formais da EPT”. As oficinas foram estruturadas com base nas entrevistas realizadas com as 10 participantes do Coletivo, egressas do Programa Mulheres Mil, e integraram o curso FIC – Cuidador Infantil e Agroecologia, no ano de 2014. Aliado a isso, buscamos contemplar os ODS, especialmente o ODS 5, que



busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015).

Quanto à metodologia adotada para a realização das oficinas, inspiramo-nos nos Círculos da Cultura, que consiste num método freireano que busca criar um espaço de diálogo horizontal, sendo todos os participantes considerados como sujeitos ativos no processo educativo. Ao contrário de uma sala de aula tradicional, o Círculo de Cultura não se organiza de forma hierárquica, mas, sim, como um espaço de compartilhamento e ressignificação de saberes. Segundo Freire (1991), o Círculo de Cultura permite que as participantes expressem suas experiências e reflitam criticamente sobre elas, estabelecendo uma relação dialógica, que leva à conscientização e à transformação social.

Na prática, o Círculo de Cultura começa com a problematização de uma temática, a partir das experiências vividas pelas participantes. Ao invés de oferecer respostas prontas, a mediadora promove reflexões coletivas. No contexto das oficinas realizadas com o Coletivo Mãos que Criam, essa metodologia foi crucial para possibilitarmos momentos para a escuta coletiva, onde as mulheres compartilharam suas vivências e seus desafios em relação à equidade de gênero e ao empoderamento. Cada sessão utilizava textos, músicas e dinâmicas sensoriais para promover uma reflexão crítica e coletiva sobre o tema que estava sendo abordado em cada encontro.

O Produto Educacional resultante desta pesquisa foi intitulado “Guia de Oficinas para cursos de formação continuada na Educação Profissional e Tecnológica: empoderamento feminino a partir da escuta de mulheres artesãs”. Tal produto visa promover a equidade de gênero em espaços não formais da EPT e resulta de estudo realizado no decorrer do ProfEPT do IFRS – Campus Porto Alegre. O guia apresenta um roteiro de oficinas e sugestões para abordar a temática do empoderamento de mulheres trabalhadoras, a partir da escuta de integrantes do Coletivo de Artesãs, da região metropolitana de Porto Alegre. O público a quem se destina são educadores, profissionais e/ou pessoas que tenham interesse em atuar em espaços formais e não formais da EPT, especialmente em cursos de FIC.

O guia apresenta sugestões de roteiros de oficinas pedagógicas, baseando-se em conceitos defendidos por Paviani e Fontana (2009). Segundo esses autores, a oficina pedagógica é uma metodologia que proporciona a vivência de situações concretas e significativas, fundamentadas no tripé sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos previamente definidos. Uma oficina pedagógica deve atender a duas finalidades principais: a articulação de conceitos e noções com ações concretas vivenciadas pelo participante, e a vivência e execução de tarefas em equipe, promovendo a apropriação ou construção coletiva de saberes (Paviani; Fontana, 2009). Esse formato permite que as participantes se envolvam ativamente no processo de aprendizagem, fortalecendo a conexão entre teoria e prática.

A escolha das oficinas se deu a partir das necessidades identificadas nas falas das mulheres, durante a realização da pesquisa. O foco foi em quatro temas principais, que se mostraram recorrentes: empoderamento, autocuidado, saúde mental e alimentação saudável. Esses temas foram selecionados por sua relevância e seu impacto direto na vida das participantes, e cada oficina foi cuidadosamente planejada para abordar esses aspectos, de maneira prática e significativa.

As oficinas descritas foram pensadas com a participação ativa do Coletivo Mãos que Criam, composto por egressas dos cursos de FIC oferecidos pelo IFRS – Campus Viamão. A introdução do



guia destaca as bases teóricas e metodológicas que fundamentam as oficinas pedagógicas. Inspiradas nos princípios dos Círculos da Cultura de Paulo Freire, as oficinas visam promover o diálogo e a participação ativa dos participantes, criando um ambiente seguro e acolhedor, onde as mulheres possam compartilhar suas experiências e aprender de forma coletiva. Os Círculos da Cultura, conforme definidos por Freire (1987), são espaços de diálogo horizontal onde todos os participantes têm voz e podem contribuir para a construção do conhecimento coletivo. Esse método valoriza a experiência de vida de cada participante e promove a conscientização crítica, essencial para o empoderamento e a transformação social.

O primeiro capítulo, intitulado “Oficinas Pedagógicas: Bases Teóricas e Metodológicas”, apresenta os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam as oficinas. A metodologia se baseia nos Círculos da Cultura de Paulo Freire, que promovem o diálogo e a participação ativa, permitindo que as mulheres compartilhem suas experiências e aprendam juntas em um ambiente seguro e acolhedor. Esse capítulo detalha como os princípios freireanos são aplicados nas oficinas, para fomentar a conscientização e a ação transformadora das participantes. Freire (1987) enfatiza que a educação deve ser um ato de liberdade, e esse princípio estrutura as oficinas, visando capacitar as mulheres para serem agentes de mudança em suas próprias vidas.

A primeira oficina, descrita no segundo capítulo, tem como objetivo definir o conceito de empoderamento feminino e explorar estratégias individuais e coletivas para promovê-lo. A estrutura da oficina inclui dinâmicas de apresentação, Círculos de Cultura para discussão sobre equidade de gênero e atividades de sistematização de reflexões. As dinâmicas de apresentação são projetadas para promover o autoconhecimento e a empatia entre as participantes. Cada mulher é incentivada a compartilhar suas histórias pessoais, motivações e expectativas, fortalecendo os vínculos e criando um sentimento de comunidade.

Durante os Círculos de Cultura, são discutidas questões relacionadas à equidade de gênero e ao empoderamento, permitindo que as participantes reflitam sobre suas próprias experiências e troquem ideias sobre estratégias, para enfrentar os desafios diários. Além disso, a oficina utiliza materiais de apoio, como textos teóricos e exemplos práticos, para enriquecer as discussões e proporcionar uma compreensão mais aprofundada do conceito de empoderamento. Segundo Freire (1996), o diálogo é essencial para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento da consciência crítica, e esse princípio é fundamental para o êxito das oficinas.

O conceito de empoderamento é central para a promoção da equidade de gênero. O empoderamento de mulheres envolve a aquisição de poder e o controle sobre suas próprias vidas, permitindo que elas façam escolhas informadas e participem plenamente na sociedade. Na educação profissional, o empoderamento é crucial, pois proporciona às mulheres as habilidades e os conhecimentos necessários para competir em um mundo do trabalho, muitas vezes, dominado por homens, além de fortalecer sua confiança e autonomia.

No contexto da EPT, a formação humana é uma perspectiva central, que se preocupa não apenas com a aquisição de competências técnicas, mas, também, com o desenvolvimento integral dos



indivíduos. Segundo hooks (2015), a educação deve ser uma prática da liberdade, onde os educandos desenvolvam uma compreensão crítica de suas realidades e se tornem agentes de mudança em suas comunidades. No decorrer da oficina, as mulheres participaram ativamente das atividades propostas e registraram que a oferta de espaços para discussão é primordial para o empoderamento individual e coletivo, razão pela qual enfatizamos a importância de tais ações educativas, em especial, no contexto de espaços não escolares da EPT, como por exemplo, na oferta de cursos de FIC.

A segunda oficina, abordada no terceiro capítulo, enfoca o autocuidado como uma estratégia de empoderamento. O tema central é o cuidado com a saúde ginecológica, utilizando Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). As participantes são incentivadas a compartilhar conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais e outras práticas de autocuidado. A oficina inclui dinâmicas de sensibilização, Círculos de Cultura e atividades práticas, como a elaboração de painéis coletivos que refletem o entendimento das participantes sobre o tema. A introdução da oficina envolve a apresentação da música “Mulher Medicina”, de Rafaela Aquariana, que serve como um ponto de partida para a discussão sobre o cuidado com a saúde e a importância do autocuidado. As participantes são convidadas a refletir sobre a letra da música e a compartilhar suas próprias experiências e os conhecimentos sobre práticas de autocuidado.

As atividades práticas incluem a manipulação de plantas medicinais, a criação de painéis coletivos e a realização de dinâmicas de grupo que promovem a conscientização sobre a saúde ginecológica e o autocuidado. A oficina, também, oferece informações sobre a utilização de ervas específicas e suas propriedades medicinais, proporcionando um conhecimento prático que pode ser aplicado no dia a dia das participantes. De acordo com Gonzalez (2020), a compreensão holística da saúde é fundamental para o bem-estar, e a oficina promove essa abordagem, ao integrar conhecimentos tradicionais e modernos sobre o cuidado com a saúde.

A terceira oficina, descrita no quarto capítulo, aborda a saúde mental das mulheres, através de uma abordagem multidisciplinar, que compreende as dimensões biopsicossociais do indivíduo. As atividades incluem discussões sobre bem-estar, saúde física e mental, utilizando músicas e textos, como base para as reflexões. As participantes são convidadas a expressar suas ideias e seus sentimentos, através de atividades artísticas e lúdicas, promovendo a compreensão profunda das interações entre saúde mental e empoderamento.

A oficina começa com a apresentação da música “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, el Hombre, que aborda questões relacionadas ao bem-estar e à saúde mental das mulheres. A letra da música é utilizada como base para um Círculo de Cultura, onde as participantes discutem suas próprias experiências e reflexões sobre saúde mental e bem-estar. As atividades artísticas incluem a criação de artesanato e a elaboração de murais coletivos, que refletem as reflexões das participantes, sobre o tema. A oficina, também, abarca a apresentação de trechos da “Cartilha Caminhos para a Promoção da Saúde da Mulher” (ONU Mulheres), que fornece informações adicionais sobre a saúde física e mental das mulheres. Além disso, são abordadas técnicas de meditação e práticas de relaxamento, que as participantes podem incorporar em suas rotinas, para melhorar seu bem-estar



emocional e mental. Segundo Minayo (2008), a saúde mental deve ser abordada de forma integrada e multidisciplinar, e essa oficina segue essa orientação, ao combinar diferentes abordagens e práticas para promover o bem-estar das mulheres.

A quarta oficina, descrita no quinto capítulo, é conduzida por Ivonice Guimarães, especialista em panificação sem glúten e fermentação natural, e foca na alimentação saudável como parte do autocuidado e empoderamento feminino. A oficina inclui atividades sensoriais, identificação de ervas e confecção de um painel coletivo sobre práticas de autocuidado. As participantes exploram a conexão entre alimentação saudável e bem-estar, e compartilham suas reflexões e os aprendizados através de atividades colaborativas que reforçam a importância do autocuidado.

A oficina começa com uma experiência sensorial, onde as participantes são convidadas a explorar diferentes ervas, através do toque, cheiro e sabor. Em seguida, a mediadora apresenta informações sobre as propriedades medicinais das ervas e como elas podem ser utilizadas na alimentação diária, para promover a saúde e o bem-estar. As atividades práticas contemplam a criação de receitas saudáveis, a confecção de painéis coletivos e a realização de dinâmicas de grupo, que incentivam a troca de conhecimentos, e experiências sobre alimentação saudável e autocuidado. A oficina, também, destaca a importância da alimentação saudável e sustentável, proporcionando às participantes conhecimentos sobre como escolher alimentos que beneficiem tanto a sua saúde, quanto o meio ambiente.

Cabe salientar que as oficinas pedagógicas descritas no guia são ferramentas valiosas para capacitar mulheres, fortalecendo sua autoestima e sua identidade. A metodologia utilizada buscou promover a participação ativa e a escuta sensível, criando um ambiente propício para o empoderamento e a aprendizagem coletiva. As práticas educativas propostas além de buscar o empoderamento das mulheres, fortalecendo-as individual e coletivamente na luta em prol da equidade de gênero e, em particular, a continuidade de suas trajetórias tanto escolares quanto profissionais.

Ao proporcionar ferramentas e subsídios teóricos e metodológicos, o Guia contribui para a realização do Objetivo 5º da Agenda da ONU Mulheres, que visa “assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e aos direitos reprodutivos”, bem como promover a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015). Dessa forma, este trabalho representa um passo importante na luta pela equidade de gênero, capacitando mulheres para enfrentar os desafios do mundo de trabalho e da vida pessoal com mais confiança e autonomia. A inclusão de relatos e experiências das participantes das oficinas fortalece ainda mais o guia, mostrando o impacto positivo dessas práticas educativas na vida das mulheres. Ao final de cada oficina, as participantes são incentivadas a refletir sobre suas experiências e a compartilhar seus aprendizados com o grupo, criando uma rede de apoio mútuo e fortalecimento coletivo. Com esse guia, espera-se inspirar educadores e profissionais a desenvolverem e implementarem práticas educativas que promovam a equidade de gênero e o empoderamento feminino em diversos contextos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O capítulo final do guia inclui uma coletânea de materiais adicionais, como manuais e e-books, disponíveis publicamente e gratuitamente, na internet. Esses recursos oferecem informações e estra-



tégias para fortalecer a participação e o sucesso das mulheres em ambientes educacionais e profissionais. Além disso, são fornecidas sugestões de músicas, sites e leituras, que podem ser utilizados para complementar as oficinas e atividades educativas descritas no guia. Esse capítulo também apresenta a história e a trajetória do Coletivo Mãos que Criam, destacando a importância da união e da cooperação entre as mulheres, para enfrentar os desafios e buscar o empoderamento. O Coletivo é um exemplo inspirador de como a união e a colaboração podem transformar vidas e promover a equidade de gênero, proporcionando melhores oportunidades para todas as mulheres envolvidas.

A partir das referências teóricas e práticas discutidas, o guia também incorpora elementos de autoras, como Davis (2019), que em seu trabalho, “Mulheres, Raça e Classe”, discute a interseccionalidade e a luta das mulheres negras; hooks (2015), em “Ensinando a Transgredir”, que enfatiza a educação como prática da liberdade; e Gonzalez (2020), que aborda a importância da cultura e da identidade na luta pela equidade de gênero. Além disso, os conceitos de sororidade e redes de apoio, conforme discutidos por hooks (2015), em “Feminism is for Everybody: passionate politics”, são essenciais para entender a importância da colaboração e do suporte mútuo entre as mulheres, como uma estratégia fundamental para o empoderamento.

Com base em todas essas informações, o guia se configura como uma ferramenta essencial para a promoção da equidade de gênero e o empoderamento feminino em espaços educacionais. Ele oferece um conjunto de práticas educativas, que não só fortalecem as mulheres, mas, também, promovem uma educação mais inclusiva e equitativa. Ao adotar as oficinas e estratégias descritas no guia, educadores e profissionais da EPT podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade onde todos tenham acesso igualitário a oportunidades e direitos, reforçando o compromisso com a justiça social e a equidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destacou a relevância dos cursos de FIC no contexto da EPT, evidenciando como eles desempenham um papel crucial na promoção da equidade de gênero e no empoderamento feminino. Ao oferecer oportunidades de qualificação acessíveis para mulheres em situação de vulnerabilidade, os cursos FIC contribuem diretamente para a inserção dessas mulheres em novas áreas de atuação, muitas vezes rompendo com os papéis tradicionalmente atribuídos a elas na sociedade, como o cuidado doméstico e a educação infantil. A formação técnica proporcionada por esses cursos permite que as mulheres desenvolvam habilidades profissionais e, simultaneamente, fortaleçam sua autonomia, ampliando suas perspectivas pessoais e profissionais.

No entanto, para que a educação profissional tenha um impacto transformador, é essencial que esteja atrelada a políticas públicas inclusivas e interseccionais, como o Programa Mulheres Mil. Esse programa se destaca como uma política pública fundamental para promover o acesso à educação e à qualificação profissional de mulheres em situação de vulnerabilidade social, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas opressões relacionadas a gênero, raça e classe. Ao garantir a essas



mulheres o direito à educação, o Mulheres Mil cria as condições necessárias para que elas adquiram as ferramentas necessárias para melhorar suas condições de vida e atuar como agentes de transformação em suas comunidades.

As experiências das participantes do Coletivo Mãos que Criam, egressas do Programa Mulheres Mil e dos cursos FIC, ilustram claramente o impacto positivo dessas iniciativas. Para essas mulheres, a formação técnica oferecida não apenas ampliou suas habilidades e possibilidades de geração de renda, mas, também, foi um espaço de acolhimento e fortalecimento emocional, onde puderam refletir sobre suas trajetórias e construir redes de apoio mútuo. Essas ações, somadas às práticas educativas voltadas para o autocuidado e o empoderamento, como as oficinas realizadas com o Coletivo, foram essenciais para promover uma mudança de perspectiva sobre suas próprias capacidades e o seu papel na sociedade.

A articulação entre EPT e políticas públicas inclusivas é, portanto, uma estratégia central para a promoção da equidade de gênero. O Programa Mulheres Mil e os cursos FIC vão além da simples capacitação técnica: eles são instrumentos de justiça social, que permitem às mulheres romperem com ciclos de exclusão e subalternidade, oferecendo-lhes a possibilidade de construir uma vida mais autônoma e digna. Ao promover o empoderamento feminino por meio da educação, essas políticas públicas transformam não apenas a vida das mulheres que participam diretamente dos cursos, mas, também, suas famílias e comunidades, ao fortalecer a presença e a participação ativa das mulheres em diversos espaços.

Outro aspecto fundamental revelado pela pesquisa é a importância dos espaços coletivos, como o Coletivo Mãos que Criam, para a consolidação dos processos de empoderamento. Esses espaços, que combinam capacitação técnica, acolhimento emocional e troca de saberes, são essenciais para que as mulheres possam continuar se desenvolvendo de forma colaborativa e fortalecida. As oficinas realizadas no âmbito do Coletivo mostraram como o aprendizado coletivo e a prática do autocuidado são ferramentas eficazes, não apenas para promover o bem-estar individual, mas, também, para criar um ambiente onde as mulheres possam se sentir valorizadas e capazes de atuar como agentes de mudança. O impacto dessas políticas e ações evidencia a importância de manter e expandir iniciativas voltadas para a inclusão de mulheres na EPT, com foco especial naquelas em situação de vulnerabilidade social. O empoderamento feminino promovido por essas iniciativas não se limita à inserção no mundo do trabalho; ele se traduz em uma transformação profunda na forma como essas mulheres se veem e em como elas podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Destacamos, ainda, que este estudo buscou evidenciar a importância dos cursos de FIC e da EPT como pilares fundamentais no processo de emancipação feminina. Essas iniciativas, articuladas a políticas públicas como o Programa Mulheres Mil, oferecem muito mais do que capacitação técnica: proporcionam um caminho para a autonomia, o empoderamento e a construção de novas perspectivas de vida para mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A oferta de cursos de FIC no âmbito da EPT tem se revelado uma estratégia essencial para promover a equidade de gênero e a emancipação de mulheres em contextos de vulnerabilidade social.



Mais do que proporcionar formação técnica, os cursos FIC, ao longo dos anos, têm desempenhado um papel transformador, ao integrar mulheres em redes de aprendizado, apoio mútuo e empreendedorismo. Um exemplo emblemático desse processo é a formação do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, resultado direto da articulação dessas iniciativas educacionais. A relevância dos cursos FIC na trajetória de empoderamento dessas mulheres se manifesta não apenas no desenvolvimento de habilidades profissionais, mas na criação de um espaço coletivo de resistência e construção de novas trajetórias tanto no âmbito pessoal e/ou profissional. O Coletivo Mãos que Criam surgiu a partir de um grupo de mulheres que, após concluírem o curso FIC – Cuidador Infantil e Agroecologia, integraram-se em um projeto de autossustentação, autonomia econômica e fortalecimento comunitário. Essa iniciativa evidencia a importância de programas de formação que consideram as especificidades das mulheres, muitas delas negras e oriundas de contextos socioeconômicos marcados pela exclusão, como discute Carneiro (2011). Para essas mulheres, o empoderamento não se limita ao ganho de competências técnicas, mas se estende ao fortalecimento de sua capacidade de agir coletivamente, algo que Gonzalez (2020) destaca como fundamental no processo de superação das opressões interseccionais de raça, classe e gênero.

Os cursos FIC, ao inserirem essas mulheres em uma rede de educação inclusiva, possibilitaram a construção de um coletivo que vai além da lógica produtivista, promovendo, também, uma visão crítica sobre os sistemas de opressão e as limitações estruturais que as cercam. Assim, o Coletivo Mãos que Criam exemplifica como a oferta de cursos FIC pode culminar na criação de espaços de solidariedade e resistência, onde o aprendizado transcende o ambiente educacional e se expande para as esferas sociais e políticas. Por meio da educação e da organização coletiva, essas mulheres puderam se reconectar com seus saberes ancestrais, desenvolver práticas comunitárias de produção e sustentar redes de apoio que desafiam o isolamento e a marginalização.

A formação do Coletivo Mãos que Criam é, portanto, um desdobramento direto da implementação de políticas públicas de formação profissional voltadas para a inclusão e o empoderamento de mulheres. Ao promover a interseção entre capacitação técnica e autonomia econômica, os cursos FIC também oferecem um espaço de formação política e cidadã, onde as mulheres podem reconfigurar suas identidades e posições sociais. Nesse processo, são capacitadas a enfrentar as desigualdades estruturais que as afetam, ao mesmo tempo em que constroem coletivamente alternativas para uma vida digna e autônoma, reafirmando a importância de iniciativas que coloquem o empoderamento feminino no centro do desenvolvimento social.

Ao conectar a educação ao fortalecimento de redes de apoio, o Coletivo Mãos que Criam exemplifica o potencial dos cursos FIC em transformar as vidas dessas mulheres, de maneira profunda e duradoura. Programas como esses evidenciam que a educação não pode ser desvinculada da realidade social e política de seus sujeitos, como defende Carneiro (2011), reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam uma formação voltada para a emancipação coletiva.

Dessa forma, o Coletivo Mãos que Criam se torna referência de como a EPT, quando pensada de maneira crítica e inclusiva, pode não apenas romper com ciclos de pobreza e exclusão, mas, tam-



bém, promover um caminho sustentável para a autonomia e o empoderamento das mulheres.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a participação do Coletivo de Mulheres Mãos que Criam, no decorrer deste estudo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Portaria n.º 1.015, de 21 de julho de 2011**. Institui o Programa Mulheres Mil. Brasília-DF: MEC, 2011.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mulheres-mil>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Poto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. São Paulo: Zahar, 2020.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

IFRS – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. Bento Gonçalves: ProfEPT, 2017. Disponível em: <https://profeppt.ifes.edu.br/regulamentoprofeppt/16413-regulamento2018>. Acesso em: 13 set. 2023.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [S.l.], 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmn-nnibpcajpcgkclefindmkaj/https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/agenda-2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PAVIANI, Jayme; FONTANA, Roseli. **Oficinas pedagógicas: saberes, inovações e práticas docentes**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

RAMOS, Marise Nogueira. **Educação Profissional e Tecnológica: Perspectivas para a Formação Humana Integral**. Educação e Sociedade, Campinas-SC, v. 38, n. 139, p. 129-147, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 21 fev. 2024.

Recebido em: 11/10/2024

Aprovado em: 13/11/2024

Publicado em: 20/12/2024